

MEMÓRIAS DE ELIZABETH DO SOCORRO CONTADAS POR SUA FILHA: HISTÓRIA DE VIDA E ESCOLARIZAÇÃO NA EJAI / MONTE RECÔNCAVO – BA¹

Thayane Pereira da Silva²

RESUMO

O presente artigo foi desenvolvido no âmbito da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Tem como objetivos: conhecer as memórias de uma estudante da EJA, a partir da narrativa da autora do estudo; refletir sobre os percursos de vida e escolarização de uma estudante da EJA em uma escola quilombola situada no Monte Recôncavo-Ba. Tomando como suporte à memória e a narrativa, a autora discorre sobre as reminiscências de sua mãe, uma mulher preta quilombola, seus desafios cotidianos e sua inserção na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI). O texto possibilita reflexões sobre Valorização a resistência e a resiliência de mulheres pretas com raízes quilombolas, ressaltando a relevância de suas histórias marcadas por lutas e desafios, na construção de saberes informais e formais, aprendizagens apreendidas e compartilhadas.

Palavras-chave: negras - Monte Recôncavo (São Francisco do Conde, BA); quilombolas; Socorro, Elizabeth do - biografia; Educação de Jovens, Adultos e Idosos.

ABSTRACT

This article was developed within the scope of the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB). Its objectives are: to understand the memories of a student in Youth and Adult Education (EJA), based on the narrative of the study's author; to reflect on the life and schooling paths of an EJA student in a quilombola school located in Monte Recôncavo-BA. Using memory and narrative as a support, the author discusses the reminiscences of her mother, a Black quilombola woman, her daily challenges, and her inclusion in Youth, Adult and Elderly Education (EJAI). The text allows for reflections on the value of the resistance and resilience of Black women with quilombola roots, highlighting the relevance of their stories marked by struggles and challenges in the construction of informal and formal knowledge, acquired and shared learning.

Keywords: Black women - Monte Recôncavo (São Francisco do Conde, BA); quilombola communities; Socorro, Elizabeth do - biography; Youth, Adult and Senior Education.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campos dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Carla Verônica Albuquerque Almeida.

² Discente do curso de Licenciatura em Pedagogia na UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

“Uma vida sem memória não seria uma vida, assim como uma inteligência sem possibilidade de exprimir-se não seria inteligência. Nossa memória é nossa coerência, nossa razão, nossa ação, nosso sentimento. Sem ela, não somos nada.”

Luis Buñuel (2009)

A memória nos possibilita relembrar fatos, momentos e sentimentos, acionando recordações pessoais e/ou coletivas. Rememoramos vivências, acontecimentos e experiências adquiridas e construídas no decorrer da nossa história de vida. A memória possibilita que “Tempos e espaços (des)ocultados penetrem nos domínios do nosso consciente/inconsciente de maneira invasora, entrelaçando o tempo vivido e o presente” (Almeida, 2019, p. 65). Assim, a memória se encarrega de inscrever histórias que podem ser narradas com palavras e sentidos singulares, revelados por meio das passagens e etapas de vida reconstruídas em relatos no presente.

Conforme Costa (2025) o processo de rememorar muitas vezes ou na maioria das vezes causa estranhamento, desbloqueios de sentimentos bons ou de outros que causam desconfortos físicos e ou mentais. Logo, não é tarefa fácil revirar memórias para se construir narrativas, contar histórias. Assim, rememorar é o mesmo que reviver prazeres, dores, saudades e vivências de outrora. Quem ainda não tem guardado na memória o sabor do feijão de mainha, aquele cozido servido no almoço de domingo com pirão, aquele café com leite e um simples pão com manteiga... Alimentos preparados por nossa mãe, por uma tia ou até mesmo com raridade pelo pai e melhor ainda, pelas mãos abençoadas de uma vizinha?

Vasculhar memórias é remexer sentimentos, é deixar fluir emoções, mas também é se deparar, neste baú memorialístico da vida, com algum bicho papão, com ferida mal curada, amores não vividos, com medos silenciados... É correr o risco de ‘banhar-se em rios de lágrimas’, lavar a alma, ficar leve. No ato de revirar memórias encontraremos apenas o que ficou ou marcou enquanto significado para nós e externamos oralmente, os sentimentos que nos preenchem ou nos deixam vazios. O que não deixa de se configurar como um paradoxo humano da incompletude. As memórias não são apenas registros do passado, mas também elementos de luta e afirmação de uma cultura, de persistência de um povo que nos convida a refletir sobre as múltiplas camadas de experiência que formam o tecido da nossa existência.

E foi pensando nas várias possibilidades que a memória nos permite recordar, que emerge o presente texto, cuja escrita foi motivada a partir da experiência vivenciada como licencianda do Curso de Pedagogia, bolsista quilombola, durante o Estágio Supervisionado em

Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI). Ao acompanhar as experiências das/dos estudantes, suas expectativas e seus desafios, um filme passou pela minha cabeça, e de forma muito nítida, as lembranças do tempo em que minha mãe estudou e as dificuldades que enfrentou para concluir os estudos. Percebi que esta é uma realidade de muitas pessoas que por motivos adversos, não conseguiram adentrar ou adentram e não concluem a educação básica, e recorrem a EJAI, como uma possibilidade de ascensão pessoal, social e profissional.

A partir destas reflexões iniciais, surge a seguinte pergunta: Quais as reminiscências e os desafios de uma estudante da EJAI de uma escola quilombola situada no Monte Recôncavo-Ba? Como objetivos busco: conhecer as memórias de uma estudante da EJAI, a partir da narrativa da autora do estudo; refletir sobre os percursos de vida e escolarização de uma estudante da EJA em uma escola quilombola situada no Monte Recôncavo-Ba.

Neste contexto, me aproprio da memória e da narrativa para contar a história de Elizabeth do Socorro, minha mãe, carinhosamente conhecida como Eliza, uma estudante da Educação de Jovens Adultos e Idosos (EJAI), que estudou em uma escola quilombola no Monte Recôncavo, na Cidade de São Francisco do Conde-Ba. Uma história de vida marcada por desafios significativos, que reflete não apenas as dificuldades pessoais, mas também a capacidade de resiliência, diante das barreiras enfrentadas, não só por ela, mas, por tantas outras pessoas em sua condição social e étnica.

A narrativa busca conectar, associar e (des)velar práticas, experiências e acontecimentos, sentidos e significados de vida. Constitui-se então como “[...] uma forma artesanal de se comunicar, sem a intenção de transmitir informações, mas conteúdos a partir dos quais as experiências possam ser transmitidas” (Benjamin, 2012, p. 198). Narrar é recordar, acionar a memória, é história tornada experiência, “[...] implica em descolamentos em que se insinua a ação do tempo, com suas feridas e descontinuidades, com seus acidentes e desvios e por isto mesmo deixa lacunas, indeterminações próprias” (Matos, 2002, p. 10).

Recordar é trabalho da memória, que quando vasculhada, remexe com diversas instâncias e espaços-tempos da vida, experiências construídas individual e coletivamente, a partir de situações, relações, pessoas, interações, entre outros aspectos que se inter-relacionam. “[...] A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se ao espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança” (Bosi, 1994, p. 32). Ao se entrelaçar com a narrativa, a memória permite que fatos, imagens e acontecimentos sejam contados, ainda que por vezes haja uma seletividade, uma vez que nem sempre narramos tudo o que está no acervo memorialístico.

Desta forma, me aproprio desta escrita, para compartilhar reminiscências de Dona

Eliza (*in memoriam*), que para além de uma estudante da EJAI, foi uma portadora de memórias que ecoam a história de sua família e de sua comunidade. Desta forma, não apenas a homenageio, mas felicito toda a sua ancestralidade, em especial sua mãe Maria do Socorro, e seu pai, Manuel do Socorro. Através desta escrita busco iluminar a trajetória de muitas outras mulheres e homens que, como ela, buscam na educação um caminho para a transformação pessoal e social. Neste sentido, a memória se torna uma ferramenta poderosa, capaz de resgatar o passado e projetar esperanças para o futuro.

2 A COMUNIDADE QUILOMBOLA DE MONTE RECÔNCAVO

Para compreender a trajetória de Eliza, é necessário entendermos o contexto das comunidades quilombolas, que representam uma expressão rica da cultura afro-brasileira. Estas comunidades surgiram como núcleos de resistência formados por descendentes de africanos escravizados que, ao longo da história do Brasil, buscaram refugiar-se em áreas distantes e inóspitas, onde podiam viver livremente e preservar suas tradições. O Quilombo do Monte Recôncavo, localizado no Recôncavo Baiano, é um desses espaços, onde a cultura, a música, a dança e a culinária afro-brasileira se entrelaçam, formando uma identidade singular.

Segundo Andrade (2022), o contexto histórico da formação e conceituação sobre quilombos e suas obstinações precisam ser compreendidos e reconhecidos. A expressão quilombo de acordo ao significado da palavra é originada da língua Bantu. No Brasil sua origem foi construída a partir dos grupos étnicos que foram escravizados: lunda, mbundu, imgangala, ovimbundu. A composição dos quilombos aconteceu na era escravocrata e perpassou a pós-abolição, provindo das estratégias dos escravos em busca de liberdade e sobrevivência.

A comunidade quilombola do Monte Recôncavo é particularmente notável por sua rica herança cultural e pela luta contínua por reconhecimento e direitos. A presença de líderes comunitários e a organização social são características marcantes desse quilombo, que se destaca pela força de sua história e pela determinação de seus membros em preservar suas tradições. Nesse contexto, a educação assume um papel crucial, pois representa não apenas um meio de inclusão social, mas também uma forma de reafirmar a identidade quilombola diante de um cenário de marginalização.

Em seu estudo, Andrade (2022) descreve que o distrito do Monte Recôncavo surgiu da antiga freguesia de Nossa Senhora do Monte, construída na Vila de São Francisco da Barra do Sergipe do Conde. A região, onde está situado o distrito, compõe uma das mais antigas áreas

de ocupação do Brasil, já que as primeiras investidas para a povoação do lugar datam os meados do século XVI. No que tange a localização geográfica, o distrito do Monte Recôncavo está posicionado no ponto mais alto da Baía de Todos os Santos. No passado, o lugar serviu como ponto estratégico para as sinalizações das guerras e conflitos na luta pela Independência da Bahia. Nas imagens a seguir podemos observar o posicionamento geográfico e a disposição do distrito.

Figura 1 - Quilombo Monte Recôncavo



Fonte: acervo pessoal da autora.

Figura 2 - Praça do Quilombo Rua da Igreja



Fonte: acervo pessoal da autora.

As comunidades quilombolas reivindicam seus territórios, além de lutar por seus direitos, garantidos pela legislação em vigor, pautados na diversidade cultural, histórica, econômica, social e política. Entretanto, alguns críticos visando desestruturar a disposição dessa identificação, apontam que diversos grupos, hoje reconhecidos como quilombolas, não se reconheciam em um passado recente. Levantando a discussão que muitas comunidades “se revelaram” e “se converteram” quilombolas por ser uma situação vantajosa do tempo (Andrade, 2022).

O espaço geográfico do lugar é composto de vias públicas, as ruas são pavimentadas e asfaltadas, algumas ainda possuem chão de terra batida. Os moldes das casas são em sua grande maioria térreas e de meia parede, mas já vem sendo modificadas com o decorrer do tempo. Moradores relatam que as casas foram erguidas pelas mãos dos escravizados/das na época colonial, feitas de taipas, mas com o passar do tempo tiveram suas estruturas modificadas, sendo que algumas delas não perderam as características coloniais.

Ainda conforme Andrade (2022), determinadas abordagens apenas demonstram o quanto é custoso ser Quilombola no Brasil, já que algumas colocações ignoram o fato atual de que a identificação e formação de uma comunidade quilombola são pautadas nas experiências e vivências históricas desses grupos, podendo desprender-se de várias etnias, etnografias e nem mesmo o setor político, jurídico, nem as normatizações principais são suficientes para estabelecer singularmente a sua definição.

3 REMINISCÊNCIAS DE ELIZABETH DO SOCORRO NO MONTE RECÔNCAVO

Antes mesmo de conhecermos as itinerâncias de vida de Dona Elizabeth, é importante situar como eu cheguei em sua vida e me tornei a sua filha. Com apenas um ano e meio de idade, fui acolhida com muito amor, na antiga comunidade de Monte Recôncavo, atualmente reconhecida por Quilombo. Minha chegada foi marcada por vulnerabilidades profundas, culminando em um quadro severo de pneumonia que me ameaçou e colocou a minha vida em risco. Entretanto, as mãos cuidadoras de Dona Elizabeth, uma mulher de espírito incansável e coração generoso, assumiu o papel de mãe de fato, dedicando-se incansavelmente aos meus cuidados colocando sua esperança na recuperação e no futuro promissor daquela criança, ainda desconhecida.

O tempo, porém, revelou-se um aliado poderoso na jornada de cura e do meu crescimento. Com persistência e dedicação, Elizabeth garantiu que eu recebesse toda a atenção necessária, contribuindo para que eu assim superasse as dificuldades de saúde e crescesse saudável, forte e determinada. O vínculo entre nós se fortaleceu, e foi crescendo de forma gradativa alimentando-me pelo amor incondicional e pela esperança de um amanhã melhor, mesmo diante das adversidades daquela região distante e muitas vezes esquecida.

Cabe destacar que o ato da senhora Elizabeth ter me adotado, foi muito mais do que um ato de carinho; foi uma ponte para a transformação de vidas, uma oportunidade de alterar destinos. Na minha fala quero transferir ao leitor o sentimento de gratidão por uma mãe que, mesmo na simplicidade de suas ações, simboliza a força de uma comunidade que luta pelo protagonismo de sua filha e pelo resgate da dignidade de cada pessoa.

Nascida no município de São Francisco do Conde, desde a infância, Elizabeth do Socorro viveu entre as tradições do Engenho de Baixo e as práticas culturais do Monte Recôncavo. Filha de Maria Isabel do Socorro e Manuel Alcides do Socorro, cresceu em um ambiente familiar que valorizava a educação e a cultura. Sua mãe, uma mulher forte e

batalhadora, parteira da região e seu pai, o administrador de uma fazenda também da região, proporcionaram-lhe uma base sólida que influenciou suas escolhas e aspirações. Suas madrinhas, Belanízia e Amélia, desempenharam papéis fundamentais em sua formação. Belanízia, em particular, era uma costureira respeitada na comunidade, que ensinou a Eliza não apenas a arte da costura, mas também a importância de manter viva a cultura quilombola. Suas visitas frequentes ao Monte Recôncavo fortaleceram o vínculo de Eliza com suas raízes, permitindo-lhe experimentar a vida comunitária e as tradições que moldaram sua identidade.

Quando pequena, Elizabeth costumava pedir aos pais que a deixassem passar os finais de semana no Monte, onde viviam apenas sua madrinha e a sua mãe. A identificação com a comunidade, fazia com que sempre solicitasse ficar mais tempo, e assim, chegava a permanecer semanas. Para Fernandes e Sousa (2016, p. 106) “[...] o sujeito se constrói a partir de marcas diferenciais providas dos outros. Assim, a identidade é sempre construída em um processo de interação e de diálogo que estabelecemos com os outros”. Com o passar do tempo, Elizabeth cresceu e passou a se sentir cada vez mais à vontade na comunidade do Monte Recôncavo, até que, aos sete anos de idade, decidiu ficar definitivamente sob os cuidados de Belanízia.

Já estabelecida no quilombo, iniciou seus estudos na escola Cardeal da Silva, a qual posteriormente passou a ser chamada de José Bulcão. Concomitantemente, frequentava a catequese, já que sua família era muito fervorosa na prática do catolicismo, e essa tradição se mantinha viva nas missas e festas da igreja, atividades em que se dedicava com muita satisfação. Aos dez anos, começou a participar de um curso de catequese, com o objetivo de se tornar professora dos ensinamentos bíblicos para a comunidade.

Figura 3 - Elizabeth do Socorro (Eliza)



Fonte: acervo pessoal da autora.

Em razão da sua devoção cristã e extrema dedicação à igreja, tornou-se ao atingir a maioria, uma das lideranças da igreja, sendo reconhecida em toda a comunidade e nas áreas adjacentes ao Quilombo. Para Hoebel e Frust (2006, p. 351) “[...] a religião dá expressão simbólica que, sutilmente e de maneira total, obriga os participantes e observadores da sociedade, a um compromisso emocional e intelectual com o sistema de crença organizado sobre o qual se fundamenta a vida deles”. Posteriormente, passou a ministrar aulas para um grupo de jovens na igreja, e o padre que na época estava à frente da Paróquia de Nossa Senhora do Monte passou a nutrir grande apreço por ela. Como resultado, ele a convidou a conhecer outros espaços além de seu local de pertencimento, com o intuito de que ela adquirisse novos conhecimentos e se aperfeiçoasse nas aulas de catequese. Além de frequentemente ser solicitada para rezar ofícios e liderar o mês Mariano³, além de coordenar cursos de batismo.

Neste contexto, se tornou uma figura central na comunidade de Monte Recôncavo, uma ‘matriarca’, se destacando por sua disposição em ajudar os outros, e zelo especialmente com as crianças e as/os idosos/as. Ela não apenas contribuía para a formação religiosa das crianças, mas também promovia um ambiente de acolhimento e solidariedade, tornando-se uma referência para muitos. Sua presença nas atividades comunitárias foi marcada por um profundo compromisso social e espiritual, reflexo de seu amor ao próximo e de sua fé inabalável.

Com o falecimento de sua madrinha, Elizabeth estabeleceu uma amizade com o prefeito da época, Sr. Claudemiro. Nesse período, surgiu uma oportunidade de emprego na prefeitura de São Francisco Conde, cidade sede a qual pertence o Quilombo Monte Recôncavo. Assim, ingressou em um setor escolar no qual desenvolvia atividades como auxiliar de serviços, passando a conciliar trabalho e estudos. Contudo, sua trajetória acadêmica foi interrompida devido à doença de sua madrinha, que exigiu dela muitos cuidados. Além disso, também assumiu responsabilidades na igreja, tornando-se ministra da eucaristia, cargo que ocupou por 27 anos. Todos os padres que visitavam a comunidade eram recebidos em sua casa, onde Elizabeth cultivava o hábito de cuidar das vestimentas litúrgicas, realizando a lavagem e a passagem das roupas.

Com apenas um ano e meio de vida cheguei aos conhecimentos de Dona Elizabeth, como chegando com um quadro severo de pneumonia, trazida para antiga comunidade atual quilombo por meu padrinho, preocupado com minha saúde, decidiu me entregar aos cuidados de Dona Elizabeth, uma mulher bondosa e cheia de amor.

³ O mês mariano é o mês de maio na Igreja Católica, dedicado à Virgem Maria, Mãe de Jesus. É um período de celebrações, orações e devoções especiais à Nossa Senhora, comumente marcado por festas marianas e orações do terço. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/maio-o-mes-mariano/>. Acesso em: 28 maio 2025.

Tendo em vista que minha mãe biológica uma senhora que, enfrentava dificuldades financeiras, não tinha condições de cuidar de todos os seus filhos e, por isso, decidiu distribuí-los entre pessoas que pudessem oferecer um lar, Eliza me acolheu com todo amor e carinho em seu lar e aos seus cuidados. O amor que minha Eliza assim como me dirigia a ela, me transmitiu foi o alicerce para entregarmos juntas, desafios adversos, celebramos conquistas e construíamos uma bela história de afeto.

A comunidade era carente de recursos e subsídios próprios e nesse sentido, costumava contar com apoio de figuras centrais e uma delas era a minha mãe, que se destacava como uma das figuras centrais, desempenhando um papel fundamental no cotidiano de seus habitantes. Com um profundo conhecimento das práticas ancestrais, ela era a responsável por acolher o nascimento de crianças, oferecendo não apenas assistência, mas também um carinho maternal que confortava as novas famílias. Sua dedicação ia além do ato de ajudar no parto, ao realizar os tradicionais banhos de ervas até a queda do umbigo das crianças recém-nascidas. Um ritual que simbolizava a conexão da criança com a cultura e as raízes da comunidade. Conforme Hampatê Bá:

A Escrita é uma coisa, e o saber outra. A escrita é a fotografia do saber, mais Não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram A conhecer que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente. (Hampatê Bá, 2010, p. 167).

A metáfora do baobá, que já está presente em potencial na semente, ilustra que o conhecimento é um legado acumulado ao longo do tempo, transmitido por gerações. Essa reflexão nos convida a valorizar não apenas o que está escrito, mas também a sabedoria que vem da experiência, da tradição e da conexão com nossos antepassados. É importante buscar um entendimento mais profundo sobre os saberes os cuidados ancestrais que faz parte de toda uma herança cultural, que vai além das palavras, para realmente compreender e integrar o saber em nossas vidas.

Além de sua atuação no acolhimento as/aos recém-nascidas/os, possuía um vasto saber sobre ervas medicinais que utilizava para tratar diversas enfermidades que afligiam os moradores da comunidade. Compreendendo a importância da medicina tradicional, ela se tornava uma fonte de cura e esperança para muitos, utilizando seu conhecimento para aliviar dores e promover a saúde entre os anciãos e os mais jovens.

Sua generosidade e habilidade não se limitavam somente aos cuidados, como também a dedicação em ajudar aqueles/as que necessitavam de reparos em suas vestes. Com um olhar

atento e habilidoso, personalizava e consertava roupas, para que todos na comunidade se sentissem dignos e bem cuidados. Essa prática não só atendia a uma necessidade material, bem como fortalecia os laços de solidariedade. Naquela época, a comunidade enfrentava grandes dificuldades em relação ao abastecimento de água potável. Consequentemente, precisava descer até uma fonte local, chamada Tororó, para lavar as roupas.

Diante de uma vida bastante agitada e repleta de afazeres, não sobrava tempo para se dedicar aos estudos. Entretanto, as adversidades vivenciadas revelaram-se como elementos motivadores de mudanças e aprendizagens que fortaleceram Dona Elizabeth, pelas experiências, bem como pelos saberes adquiridos e compartilhados.

4 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: OPORTUNIDADE DE MAIOR INCLUSÃO SOCIAL

A Educação de Jovens e Adultos se constitui como uma alternativa viável para aqueles/as que buscam resgatar o tempo perdido e conquistar novos horizontes, diante dos desafios enfrentados e das diversas razões, que impossibilitaram a conclusão da educação formal na infância e/ou na adolescência, Eliza precisou interromper os estudos ainda criança aos 4 anos de idade. Para Barbosa (2016, p. 34), aprender novas habilidades, além de ser uma forma de exercitar a mente, “[...] permite novas experiências psicossociais, funcionando como uma estratégia de enfrentamento frente às perdas que ocorrem nessa fase da vida, como também é um maneira de se obter lazer e prazer em viver”.

Ao longo de sua vida, Eliza desenvolveu uma consciência crítica acerca de sua condição e da realidade das comunidades quilombolas. Tal consciência, somada à influência de sua família e da comunidade, a levou a buscar a educação como um meio de transformar sua vida e a de seus semelhantes. Assim, ao completar 47 anos, minha mãe compartilhou seus anseios e o desejo de voltar a estudar.

Aquino *et al.* (2022) advertem que é possível compreender que a (EJA) emerge no sistema educativo como uma resposta contundente às desigualdades educacionais que permeiam a realidade da nossa sociedade. Este modelo educacional destina-se àqueles que, por situações adversas, não puderam concluir sua formação no tempo regular. Ela não se limita a oferecer uma nova oportunidade de aprendizado, mas representa um espaço de resgate de realização pessoal e da autoestima dos indivíduos que, muitas vezes, carregam o estigma da exclusão.

Na minha memória, é nítida a imagem de felicidade, estampada no rosto de minha mãe! Sempre que retornava da escola, ou quando ela tinha a oportunidade de um tempo livre no trabalho, e das várias atividades que desenvolvia na comunidade, contava com riqueza de detalhes, cada momento da aula, as conversas com as/os colegas, os conteúdos mais difíceis e as histórias compartilhadas. Eu ficava atenta e admirando cada palavra dita por ela, cada gesto, cada comentário tecido. Ouso dizer que herdei dela, a garra e a determinação de uma Mulher corajosa, responsável e Guerreira!! Para minha mãe, a EJAII não representou apenas uma oportunidade de aprendizado, mas também um espaço de empoderamento e afirmação de sua identidade.

Na perspectiva de Moll (2004, p. 127), a Educação de Jovens, Adultos e Idosos se configura como um lugar de reencontros de tempos e de espaços. Na maior parte das falas dos alunos adultos está presente o fato de que, ainda muito pequenos, tiveram de trabalhar junto à família, ou longe dela, para sobreviver, tendo, em consequência disso, sua infância roubada, longe das brincadeiras, da escola, do lápis, da caneta, do pincel, dos instrumentos musicais, dos teatros.

Em minhas lembranças, recordo que minha mãe sempre dizia ter facilidade nos estudos e ao se referir a professora, os elogios ‘saltavam da sua boca’ e logo em seguida, começava a discorrer sobre a maneira como a aula era ministrada, a atenção e a escuta apurada para ouvir a história de cada estudante, seus saberes e conhecimentos de vida. Isto me faz pensar que a prática pedagógica da EJAII deve se basear no perfil dos/as discentes, amparadas na visão de mundo, considerando o contexto em que estão inseridos, as formas de vida, trabalho e sobrevivência.

Neste sentido, Soares (2003, p. 30) alerta que é necessário pensar um currículo “[...] que considere a realidade dos alunos e que tenha como ponto de partida, ações pedagógicas, com metodologias e materiais didáticos adequados às suas necessidades e a formação de professores/as condizentes com as especificidades da EJAII”. O currículo para esta modalidade de ensino deve ser adaptável, permitindo que as/os estudantes se apropriem dos conteúdos de forma significativa, ou seja que o/a professor/a possa criar metodologias de ensino relacionando os conteúdos programados, às experiências de vida dos/as discentes.

É importante salientar que os/as estudantes se sentem valorizados/as, quando os conteúdos trabalhados em sala de aula e o que estão aprendendo tem a ver com o cotidiano de suas vidas. Assim, seus saberes e fazeres construídos por meio de memórias, histórias e vivências de vida, precisam ser visibilizados nos espaços educativos, em busca da garantia de direitos sociais, políticos e de equidade.

Neste contexto, o afeto se constitui como um elemento crucial nas relações que circulam no ambiente da escola, na forma de lidar com diferentes situações de aprendizagem relacionadas à subjetividade de cada estudante, com suas histórias individuais e sociais, suas perdas e suas lutas. Quando construímos laços de afeto com nossos educandos, às experiências praticadas por eles na escola se tornam inesquecíveis para o resto de suas vidas e eles se tornam sujeitos de sua própria história. Freire nos alerta:

Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar. Lido com gente e não com coisa. E porque lido com gente, não posso, por mais que, me dê prazer entregar-me à reflexão teórica e crítica, da prática docente, recusar a minha atenção dedicada e amorosa a problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna (Freire, 2020, p. 144)

A amorosidade com que era tratada na escola, especialmente pela professora, motivava Elizabeth, que mesmo diante das dificuldades e da labuta diária, por vezes exaustiva, se sentia cada vez mais pertencente a escola e neste sentido, persistia no ‘sonho’ que se tornara realidade concreta. Entretanto, a trajetória de Elizabeth na EJAI, não foi isenta de desafios. O maior obstáculo enfrentado foi a descoberta do diabetes, que teve um impacto devastador em sua visão. Condição que a impossibilitou de continuar seus estudos, pois a dificuldade em enxergar de forma nítida gerou um desestímulo que incidiu na qualidade de sua aprendizagem e impediu de avançar para outros níveis de escolaridade. Com o semblante triste, ela se queixava com frequência, que a visão estava turva, embaçada e assim, a sensação de impotência que sentia ao desejar estudar, mas ser impossibilitada por sua condição de saúde, que foi ficando cada vez mais comprometida, afetando também bem-estar emocional. O diabetes culminou em um descolamento de retina, que exigiu três cirurgias, levando-a à cegueira temporária.

Os desafios que minha mãe enfrentou ao retornar à escola foram um tanto quanto significativos. Conciliar o trabalho, as responsabilidades familiares e os estudos exigiram dela uma determinação ímpar; uma experiência que trouxe para ela progressos notáveis. O apoio de professores/as comprometidos e a interação com outros/as estudantes, que compartilhavam histórias semelhantes, proporcionaram um ambiente de aprendizado enriquecedor e acolhedor. Através da EJAI, ela não apenas adquiriu conhecimentos acadêmicos, mas também desenvolveu habilidades sociais e emocionais que a capacitaram a se posicionar como agente de mudança em sua comunidade. A educação passou a ser vista por ela como um instrumento de transformação, capaz de abrir portas e proporcionar novas perspectivas de vida.

Ao refletir sobre a experiência de vida de minha mãe, ressalto a importância da educação como um meio de inclusão social, conforme apontado por Freire (2021, p. 13): “[...]”

inicialmente me parece interessante reafirmar que sempre vi a alfabetização de adultos como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador”. A inclusão educacional permite que cidadãs e cidadãos participem de forma mais ativa e conscientes politicamente, contribuindo para uma sociedade mais engajada e democrática.

A EJAI representava uma oportunidade de recomeço, um espaço onde pessoas como ela poderiam buscar conhecimentos, reconhecendo a educação como um agente transformador, promovendo a inclusão e oferecendo novas perspectivas de vida, mesmo diante dos desafios adversos da vida. A experiência de minha mãe não se limitou apenas ao aprendizado acadêmico, mas também se traduziu em um espaço de acolhimento e valorização da cultura quilombola. Um ambiente em que compartilhou suas vivências e aprender com as histórias de outras pessoas que, assim como ela, enfrentaram desafios semelhantes. A troca de experiências fortaleceu seu senso de pertencimento e a ajudou a reconstruir sua autoestima.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As memórias de Elizabeth do Socorro, estudante da EJAI em uma escola quilombola do Monte Recôncavo, narrada por mim enquanto filha passa a ser não um mero testemunho da força e da resiliência de uma senhora que buscou, através da educação, não apenas a realização pessoal, mas também a valorização de sua cultura e história. Sua trajetória ilustra a importância da educação como um direito primordial e um meio de promover a inclusão social.

Gostaria de destacar que houve uma significativa construção dos saberes e da história do Quilombo Monte Recôncavo, elaborada pela professora Maricelia Conceição dos Santos e pelo professor doutor Carlos Maroto Guerola, cujo título da obra "Agente já nasceu quilombola e não sabia: História do Monte Recôncavo". No entanto, Elizabeth não pôde contribuir com as narrações orais ao lado de outros anciãos, pois, devido à diabetes, seus rins falharam, levando-a a necessitar de hemodiálise. Durante esse período, ela encontrava-se em um estado de saúde bastante debilitado, internada em um hospital, mais sem dúvidas se tivesse a oportunidade de ser entrevistada pelos autores da obra teria dado grandes contribuições para o trabalho.

Ao compartilhar as vivências e memórias, de minha mãe me torno uma voz ativa na luta por reconhecimento e valorização da equidade na educação nas comunidades quilombolas. A trajetória de Eliza nos ensina que por meio da educação, é possível resgatar a dignidade, fortalecer a identidade e construir um sistema de ensino igualitário. A memória, portanto, não

é mero fragmento do passado, elas são ferramentas de lutas e resistência que nos entrelaçam aos saberes presentes e nos inspiram a lutar por um sistema educativo melhor.

Hoje, com 34 anos de idade, por vezes fico a recordar cenas da convivência que tive com a minha mãe e reflito sobre sua trajetória com uma maturidade que me revela o quanto ela foi corajosa e resiliente. Sua trajetória, marcada pela luta social constante e as limitações de acesso a uma educação de qualidade, demonstra o quão profunda foi a força desta mulher que mesmo diante dos tropeços da vida, erguia o peito e caminhava para frente, desbravando caminhos e vencendo os desafios que a vida lhe presenteou ao longo da sua trajetória. me sinto realizada na conclusão deste trabalho, e gostaria de agradecer a minha Prof. Orientadora Carla Verônica que de maneira afetuosa e incansável me orientou na construção deste trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Carla Verônica A. Memória: mosaico que (des)vela o passado no presente. *In*: RABINOVICH, Elaine P.; ALMEIDA, Carla Verônica A.; AMORIM, Rita da Cruz (Org). **Objetos de Família: vozes e memórias**. Curitiba: CRV, 2019, p. 61-73.
- BARBOSA, Gisele Rieger P. A importância da educação na velhice: alunos idosos na EJA. **Escritos e Escritas na EJA**, n. 5, p. 30-39, 2016.
- BÂ, Amadou Hampâté. História Geral da África: Metodologia e Pré-história da África. 2010.
- BENJAMIN, Walter. O narrador, considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Série Obras Escolhidas, v.1. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 197-221.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BUÑUEL, Luis. **Meu último suspiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- COSTA, Gilmar Ferreira da. **Escrevivência, ancestralidade e protagonismo da mulher negra: memórias e atravessamentos entre “Regina Anastácia”, “Sabela” e Vó Honorina, a médica das ervas**. Dissertação. Mestrado em estudos de Linguagens: Contexto Brasil África, 2025.
- FERNANDES, Viviane Barbosa. SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. Identidade Negra: entre exclusão e liberdade. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. n. 63, p. 103-120, abr. 2016.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 74. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 2021. Disponível em: https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf. Acesso em: 27 maio. 2025.

HOEBEL, Adamson; FROST, Everest. **Antropologia social e cultural**. São Paulo: Cultrix, 2006.

MATOS, Olgária Chain Féres. A narrativa: metáfora e liberdade. **Contar história, fazer História** - História, cultura e memória. Tradução. Brasília: Paralelo 15, 2002. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Matos_OCF_77_1329510.pdf. Acesso em: 23 maio 2025.

MOLL, Jaqueline. **Educação de Jovens e Adultos**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. *In*: RIBEIRO, Vera M. (Org.) **Letramento no Brasil**, São Paulo: Global, 2004.